

entrevista **➤** Cristovão Tezza

Capado redescoberto

Diogo Guedes
dpguedes@uol.com.br

Consagrado em 2007 por *O filho eterno*, vencedor dos prêmios Portugal Telecom, São Paulo e Jabuti, Cristovão Tezza se consolidou como um dos principais autores contemporâneos do Brasil. No seu mais recente livro, *Beatriz*, o romancista se dispõe a voltar para um formato que há muito não explorava, as narrativas curtas, presentes apenas nos seus renegados primícios lançamentos, que traziam a marca de um escritor testando as técnicas literárias. Os sete contos retomam não só a revisora de textos que havia aparecido em *Um erro emocional*, mas, em dois momentos, o protagonista da obra, o autor Paulo Donetti. Na entrevista abaixo, Tezza comenta a dificuldade de se dedicar a histórias breves e conta como cria suas narrativas. "Jamais desenhiei um personagem a partir de pessoas concretas. Todos os meus personagens são seres coletivos, Frankenstein's", define o romancista.



Cristovão Tezza/Divulgação

JORNAL DO COMMER-
CIO - Por que essa vol-
ta ao formato dos con-
tos tão tardiamente?

CRISTOVÃO TEZZA - Os contos aconteceram por acaso, depois que terminei *O filho eterno*. De fato, passei uns 30 anos sem escrever histórias curtas. Depois do primeiro conto, que me aconteceu num romãncio, recebi algumas encomendas para antologias e revistas, e retomei aquela primeira Alice em algumas histórias. Comecei a pensar organizadamente no personagem, mais do que propriamente nos contos avulsos. O resultado é que o livro acabou tendo uma unidade bastante fechada, quando decidi publicá-los.

JC - Você se sentiu inseguro em voltar a publicar contos? Sente-se mais confortável nos romances?

TEZZA - Enfrentei os contos com um certo espírito de aventura. Comecei a achar um tanto absurdo que, depois de dez romances, não me sentisse capaz de escrever contos. E, há via um lado prático: muitos convites para antologias e revistas, e eu dizendo "não" porque "não escrevo contos". Era hora de acabar com isso e encerrar o gênero. Mas, de fato, sou sempre um senti melhor escrever os romances, narrativas longas, com um diferente de estrutura no texto, sem a pressão do conto. Mas agora estou gostando da brincadeira, por assim dizer. Já estou com duas ideias de histórias curtas marcando minha cabeça. Mas com mais e mesma Beatriz.

JC - Os relatos de Beatriz nascem em momentos diferentes e com intuitos diferentes, mas, no livro, parecem ter uma unidade. O que é em você, os torna tão independentes e tão próximos assim?

TEZZA - Bem, o conto é um gênero fechado: você tem de resolver o texto e a história numa página 10. E páginas e tem de dar a todos os elementos para a recepção completa do que você está escrevendo. É a independência do conto. Mas, como algo altamente marcado, muito fantasioso, o romancista, fiquei reabra-

lhando a mesma personagem, o que criou uma relação entre as histórias ou, pelo menos, uma familiaridade. Mas o livro só fica em pé se, de fato, os textos funcionarem independentes uns dos outros.

JC - Para você, os personagens realmente surgem de forma precisa? Como eles se tornam material literário?

TEZZA - Sim. A composição de um personagem é sempre um processo bastante complexo para mim. A primeira exigência que eu faço a mim mesmo, inconspicuível, é que ele não seja meu porta-voz. Um personagem é um outro, é um estranho. Você pode ter pontos de contato com ele, pode sentir uma grande empatia, mas jamais se confundir com ele. Foi aqui esta regra até mesmo *O filho eterno*, que é um livro que se que totalmente baseado na minha própria vida. Mas não de me afastar daquele pai, ou o livro fracassaria. Outro ponto é que o personagem é sempre uma figura social, algo que concentra traços de uma cultura comum, e é por isso que um bom personagem é sempre interessante. Ele é alguém próximo. Enfim, o personagem, apesar de ser meu, não é eu. Não é que se chama "realidade", é um ser feito de linguagem, o que é diferente de você, e eu me de frente, entrego-me à intuição.

JC - Mesmo sendo uma mulher, o que impede a aproximação completa com a personagem Beatriz e a revisora de texto, como você fez? O que há de experimentalista em suas narrativas de livros? O office de revisor é o mesmo de O filho eterno?

TEZZA - Todo escritor aprova elementos de sua vida pessoal para colocar nos seus livros. A prosa trabalha muito com o mundo concreto, com o dia a dia das pessoas. Quanto mais o autor conhece os detalhes do mundo ao seu redor, tanto melhor o resultado. Beatriz incorpora, ou sintetiza, tudo aquilo que vem de experiências que eu vivi no curso de le-

"O conto é um gênero fechado; você tem de resolver a história em 10, 15 páginas, e dar ali os elementos para a recepção completa do que escreveu"

tras, pois quando comecei na vida universitária e a escola, etc. O office de revisor é o meu trabalho para quem se aventura nas letras e é um bônus interessante para estudantes. Pode ajudar a sobreviver, o que é tudo que um escritor precisa.

JC - Paulo Donetti diz, no discurso do conto de abertura, que a matéria-prima da literatura é o desprezo pelas pessoas - ou seja, que o escritor deve se alimentar delas para construir suas histórias. Você fez mesmo esse culto?

TEZZA - Vejo bem, e não sou Paulo Donetti. Na verdade, me divirto um pouco com ele, com aquela fala de freio, aquele desjuiste essencialmente dos outros. Ao mesmo tempo, acho difícil escutar boas verdades sobre o mundo literário, mas é o desperdício de que me interessa, mais do que o fato em si. Meu narrador nunca é

um jornalista dizendo "verdades". Ele é um permanente criador de situações ambíguas. Sobre a inspiração para os personagens, jamais desenhiei um personagem a partir de pessoas concretas. Todos os meus personagens são seres coletivos, Frankenstein's, mosaicos de caracteres diferentes.

JC - Esse mesmo conto aborda em parte a rotina de palestras das autoras de livros. É difícil conciliar isso com o ato da escrita? Você se sente com menos tempo para criar depois do sucesso de *O filho eterno*?

TEZZA - Estou terminando um ensaio, com toques autobiográficos, chamado *O espírito da dor*, que deve sair em junho de 2012 pela Civilização Brasileira. É um livro em que falo sobre o romance e a prosa de ficção e sobre a minha formação de escritor. Também discuto alguns aspectos do quadro mental que formou minha geração, os escritores que amadureceram nos anos 1960 e 1970. Não é um livro acadêmico, é um ensaio livre, uma conversa de escritor. E a Record vai publicar uma coletânea de crônicas que assino semanalmente na Gazeta do Povo, aqui de Curitiba. Será organizada e apresentada pelo tradutor e jornalista Christian Schwartz.

JC - No que está trabalhando atualmente? Deve lançar um novo livro em 2012?

TEZZA - Estou terminando um ensaio, com toques autobiográficos, chamado *O espírito da dor*, que deve sair em junho de 2012 pela Civilização Brasileira. É um livro em que falo sobre o romance e a prosa de ficção e sobre a minha formação de escritor. Também discuto alguns aspectos do quadro mental que formou minha geração, os escritores que amadureceram nos anos 1960 e 1970. Não é um livro acadêmico, é um ensaio livre, uma conversa de escritor. E a Record vai publicar uma coletânea de crônicas que assino semanalmente na Gazeta do Povo, aqui de Curitiba. Será organizada e apresentada pelo tradutor e jornalista Christian Schwartz.

ou ficaria numa dispersão só. Escrever me exige um bom tempo de paz e de rotina. Este ano já foi bem mais tranquilo para mim.

JC - Não que está trabalhando atualmente? Deve lançar um novo livro em 2012?

TEZZA - Estou terminando um ensaio, com toques autobiográficos, chamado *O espírito da dor*, que deve sair em junho de 2012 pela Civilização Brasileira. É um livro em que falo sobre o romance e a prosa de ficção e sobre a minha formação de escritor. Também discuto alguns aspectos do quadro mental que formou minha geração, os escritores que amadureceram nos anos 1960 e 1970. Não é um livro acadêmico, é um ensaio livre, uma conversa de escritor. E a Record vai publicar uma coletânea de crônicas que assino semanalmente na Gazeta do Povo, aqui de Curitiba. Será organizada e apresentada pelo tradutor e jornalista Christian Schwartz.

➤ Trecho do livro

Escritores não são pessoas boas. O que intriga é que os milhares de leitores que ainda restam no mundo, como vocês, essas almas bem-intencionadas na platéia me ouvindo, não se apercebem dessa verdade simples e universal. Não se letificam em agarrar-se aos livros que escrevo, querem também nos ouvir falar, fazem fãs atrás de autógrafos, e alguns nos escutam com a adoração que se tem aos santos e aos sábios. Felizes, sorridentes, suportam palestras e mesas-redondas em que os escritores costumam desfilá-los aquele rosário de beaterias e merreiras, sentem as merreiras, tentam estas-palavras que inventaram de resaca 15 minutos antes de sentir a mesa ou então que arrastam pela abertura de uma draga de mandamentos que não tem nenhuma relação com o que escrevem (ou, muito por outro lado, tentam que desproporcionadamente têm relação com o que escrevem), piadas sem graça (escritores são quase sempre - é um paradoxo - seres desproporcionadamente de humor), pacíficos abalados por não simplesmente babaloucos sobre o "método de escrever", o valor da "inspiração", a importância da leitura no mundo moderno - e a pouco andou sair alguma coisa do tipo "como fazer alguns escrevendo livros". O poeta iniciante e o vetusto Prêmio Nobel, todos se espodem atalhos ao ridículo de falar em público, e seus bobagens se equivalem. Deve haver exceções, é claro - mas eu não as conheço. O leitor é cético - acredita no que está escrito e acredita no que escrevem. Ou que escrevem têm "do dom". É aí que fazemos a festa. Ninguém percebe que a matéria-prima da literatura é o desprezo. O que me irrita, o que há de ruim para mim mesmo, é essa dependência gonesta das outras pessoas, não para sobreviver, o que até seria justo, mas para me alimentar disso, porque sem a existência em torno ou restaria sem assunto e merreira por completamente ruim.

... Beatriz

... Beatriz

... Beatriz

Um fio condutor chamado Beatriz

Os personagens podem ser o tormento - o tormento produtivo, e bom ressaltar - de um escritor. É isso que *Beatriz*, novo livro do premiado escritor Cristovão Tezza, demonstra. Mais do que uma coletânea de contos, a obra traz sete histórias independentes entre si, mas que têm em comum personagens antigos do universo do autor.

Conhecido por sua produção como romancista, capaz de narrativas psicológicas impressionantes, Tezza conta no prólogo da edição que começou o livro ainda em 2006, antes do lançamento do consagrado *O filho eterno*. O protagonista da primeira história se tornaria no futuro o escritor Paulo Donetti, e um erro acomodado por apenas alguns instantes.

O próprio papel dessas figuras mostra a inversão que Tezza fez do conto. Para ele, as histórias curtas são espécies de laboratórios em que o autor pode testar como funcionam as instâncias íntimas de cada um dos protagonistas. Tratando-se de textos tão breves, o mundo fantasma do romancista, o evento se fez confusa na consciência dos personagens. É preciso esgotar suas possibilidades de vida, desvendá-los por completo.

O homem talentado, como que se alcança momentaneamente em que o leitor não se encontra no mundo pelo ótica da di-rencial revisão de texto de 28 anos, mas sim pelos sentidos e "desesperados" pensamentos de Donetti. Nos dois primeiros capítulos, a personagem dá pistas de reforço especial, recebe propostas de alta correção e, no entanto, transmite as lembranças de uma vida senhora, organizada a acervo de um livro e vive um estranho encontro amoroso com um colega de faculdade.

São relatos simples, em que a narrativa se confunde com as opiniões e sentimentos da própria Beatriz. Segundo Tezza, sua maior recusa do século 20, com contos e ora é de não conseguir inventar elementos que se fedem e rapidamente se tornem independentes de outras

© Beatriz, de Cristovão Tezza, Editora Record, 144 páginas, R\$ 35.